

Índice

Abril de 2012. Dublin	7
Novembro de 2012	47
Natal de 2012. Waterford	73
Janeiro de 2013. Dublin	95
Abril de 2013	117
Outubro de 2013	147
Janeiro de 2014	187
Maio de 2014	201
Agosto de 2014	233
Setembro de 2014	247
Maio de 2015. Atenas	267
Agradecimentos	283

Abril de 2012
Dublin

1

Da primeira vez que o vi, senti uma pena imensa dele.

Olhei em volta para ver onde estavam as bebidas, tinha sede, e foi quando tudo começou.

Ele encontrava-se de pé na galeria, ao lado de uma escultura, uma coisa grotesca. Era cor-de-rosa e parecia vagamente uma versão de uma orelha humana que tivesse sofrido uma mutação.

O homem estava embrenhado numa conversa com outra pessoa e gesticulava com veemência na direção da escultura enquanto falava. Percebi que não era a primeira vez que o via.

Uma ocasião, ficara sentada em frente dele na Biblioteca de Rathmines e, então como agora, parecera-me o homem mais atraente que alguma vez vira. Tínhamos trocado um olhar demorado.

Na altura, eu tinha alguém, mas, ainda que não tivesse, nunca na vida abordara um homem, pelo menos desta forma. Pensei nele depois e presumi que seria alguém que estava de passagem. Ninguém assim, com aquele aspeto, vivia em Dublin, ou sequer na Irlanda, foi o que pensei. Ninguém tão belo poderia viver entre nós.

Agora encontrava-se a menos de três metros de mim e eu mirava-o de novo.

Ciaran era daquele loiro-penugento, a escurecer, de bebé a sair da primeira infância.

Tinha grandes olhos cinzentos, um nariz romano aquilino e uma boca querubínica perfeita, a fulgir de elegância sob o con-

junto. Os lábios eram de um rosado inverosímil e ligeiramente torcidos, como que petulantes ou perenemente à beira de uma gargalhada. Era muito alto e tinha a postura incorreta de quem crescera muito demasiado cedo e procurara disfarçar a estatura.

As mãos eram estreitas e desproporcionadamente grandes, mesmo tendo em consideração os membros compridos a que estavam ligadas. A compleição parecia de certo modo mais delicada do que a das outras pessoas. Os traços do rosto eram igualmente adoráveis, mas era o modo como ele estava estruturado que fazia uma pessoa desorientar-se de início. A forma como as maçãs do rosto, de tão altas, lhe tornavam os olhos cruéis; a forma como os dedos compridos agarravam o ar com intento enquanto ele falava, como se compusesse ornatos.

O que é preciso entender acerca de Ciaran é que ele não só era extraordinariamente belo, como também irradiava uma imensa tranquilidade. A tranquilidade subjazia a cada gesto seu, a cada olhar, a cada gargalhada. Ele não procurava nada no que o rodeava.

Naquele tipo de espaço, num ambiente artístico, onde a pessoa com quem falamos está sempre a olhar sobre o nosso ombro em busca de um curador, isto era especialmente notável. Embora ele não parecesse particularmente feliz, parecia sem dúvida completo, como se o seu mundo estivesse contido nele próprio.

É possível amar alguém que não se conhece, só de vista?

Como posso descrever o que me aconteceu sem usar a palavra amor?

De pé naquela galeria, senti não apenas atração sexual (de que me apercebi, vagamente, como ruído de fundo), mas o que só posso descrever como uma pena desmesurada e inquietante.

Não quero com isto dizer que me senti superior a ele. Durante quase toda a nossa vida em comum, considerei que Ciaran me era superior tanto essencial como superficialmente.

Por pena, o que quero dizer é que, olhando para ele, senti uma ternura intensa pela sua condição: pelo facto de ser humano. Naquele momento, o afeto e a compaixão básicos que sinto por qualquer pessoa intensificaram-se a um ponto tal, que não consegui respirar.

Ainda agora, mesmo depois de tudo o que sucedeu entre nós, continuo a sentir quanto ele me comove.

Ciaran não foi o primeiro homem bonito com quem dormi, nem o primeiro homem por quem nutri sentimentos obsessivos, mas foi o primeiro homem que idolatrei. O seu corpo tornou-se para mim um local de oração, um lugar onde me podia alhear da minha própria carne e estar apenas com a dele. Era uma coisa de prazer total, de beleza total.

Pensam que não me dou conta de que chamo ao corpo dele um local, uma coisa? Pensam que não me dou conta do que é ser uma

mulher a falar deste modo do corpo de um homem? O que sei eu acerca do corpo de um homem — e pode algum deles merecer ou precisar de um momento mais de louvor?

Como será ser belo mas também invisível sempre que assim se decide? Ser um homem belo?

Ciaran captou o meu olhar, sorriu ligeiramente e abriu muito os olhos — recordando, assim esperei, o nosso encontro anterior. Encaminhei-me para ele, e ele interrompeu a conversa e voltou-se para mim.

— Ah, é você — disse ele, como se tivéssemos combinado encontrar-nos.

— Eu própria — respondi estupidamente, e corei de vergonha ao ouvir a voz como que vinda do exterior da minha cabeça. Soava muito irlandesa e carregada com uma jovialidade forçada. Ciaran tinha um sotaque que não consegui identificar.

— Como se chama? — perguntei.

— Ciaran — respondeu, e acrescentou, como se me tivesse lido o pensamento —, mas só o meu pai é irlandês. Sou dinamarquês.

Olhei-o então nos olhos e a minha vergonha foi subjugada pelo prazer que senti perpassar entre nós.

Sorrimos um para o outro timidamente.

— O que lhe parece a exposição?

— Oh, bem — disse eu, tentando responder tão rápida e espontaneamente quanto possível. — É só um monte de coisas numa dada sala, não é? Não me diz muito. Vim pelas bebidas.

Ele ignorou a última parte do que eu disse, que visara tirar-nos de onde estávamos e levar-nos para um sítio que me fosse mais propício.

— E não é nossa missão tentar perceber porquê estes objetos, nesta sala específica? — perguntou.

Procurei a zombaria naquela resposta, mas ele parecia querer mesmo dizer aquilo, sem malícia.

— O que se passa é que, no que toca a arte, nunca me sinto segura. Com outras coisas, tenho algum conhecimento e posso falar delas com base nele. Com este tipo de coisa, não conseguiria dizer o que fosse a seu respeito. Não tenho quadro de referência.

Ele sorriu-me de novo. Havia agora nos seus olhos uma insinuação indubitavelmente sexual, quase lasciva.

— Na verdade, isso é o que sempre me agradou mais na arte.

— Vamos buscar uma bebida? — sugeri.

— Tenho de me ir embora, e, seja como for, as bebidas estão a acabar. Olhe, fique com a minha. — Entregou-me a cerveja quase intocada e pegou na sua pasta. — Gostaria de dar um passeio comigo, amanhã?

Interpretando como concordância o olhar aparvalhado que lhe lancei, rabiscou o seu número de telemóvel num guardanapo e entregou-mo.

— Ótimo — disse, e desapareceu.